

TÍTULO: O ESPAÇO DA CIDADE COMO PALCO DE INVENÇÕES

Liliane Ferreira Mundim (Doutorado)

Processos Formativos e Educacionais – PFE

As relações do homem com o espaço da cidade são alvo de pesquisas constantes. Tanto como campo de subjetividades, como lugar em constante mutação, repleto de imagens, textos, sonoridades e também provocador de memórias e histórias, o espaço da cidade está em permanente metamorfose. Diferentes formas de ocupação e apropriação se configuram nesse espaço de devir atravessado por um cotidiano de caráter imprevisível. Tais fatores afetam de forma marcante as condições sócio-histórico-culturais de seus habitantes, consequentemente suas relações de convivência.

Para o sociólogo Richard Sennett (2001), a passagem do século XVIII para o XIX se caracteriza principalmente pelo fato de que tudo referente à personalidade das pessoas aparece na esfera pública e é vista por todos; o público e o privado perdem suas fronteiras. Se anteriormente o domínio privado era visto como um refúgio, como um lugar no qual as pessoas se conheceriam e caracterizado pela “intimidade”, passou a ser, nesses novos moldes, algo exposto e visível, onde somos todos estranhos e nos revelamos em nossos comportamentos, códigos do vestir, etc.

Diante dessas complexidades e como lugar de tensão, a cidade vem se transformando rapidamente, nessas últimas décadas. Pode-se afirmar que seus inúmeros territórios se repartem e se diluem, visto que

vivemos em cidades que não podem ser abordadas em sua totalidade, pois não se define como uma cidade, mas sim dotada de inúmeras maneiras e composições como cidades; funcionando como um espaço geográfico delimitado principalmente pela ação das instituições.
(CARREIRA, 2009)

Mais do que uma noção geográfica, já diria Foucault, o território é, “antes de tudo uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por um certo tipo de poder.” (FOUCAULT, 2001: p.157)

No entanto, se pensarmos o espaço da cidade como um lugar aberto à criação e ao ócio, ou como espaço para a invenção do homem comum, sem planos ou programações pré-determinadas, torna-se necessário, além de enxergá-lo como *locus* do conflito, que inclui agentes e que mobiliza agenciamentos diversos e contraditórios, vê-lo também como *locus* da experiência, que promove percepções espaço-temporais muito mais complexas do que sugerem os efeitos moralizadores e individualistas normalmente atribuídos à contemplação cenográfica. (BRITT e BERENSTEIN, 2009)

Nesse sentido, torna-se necessário estarmos atentos para as possíveis brechas e fissuras que por ventura estejam obscurecidas no tecido urbano.

O historiador de arte e político italiano Giulio Carlo Argan, considera fundamental percebermos que

a cidade é feita de coisas, mas essas coisas nós a vemos, oferecem-se como imagens à nossa percepção; e uma coisa é viver na dimensão livre e mutável das imagens, outra é viver na dimensão estreita, imutável e opressiva, cheia de arestas, das coisas (...) na capacidade de decisões resolutivas, éticas e políticas (...) trata-se, em suma, de conservar ou restituir ao indivíduo a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente das prescrições implícitas no projeto de quem o determinou: enfim, de dar-lhe a possibilidade de não se assimilar, mas de reagir ativamente ao ambiente. (ARGAN, 1998: p. 219-220)

Tais concepções vão ao encontro do pensamento do filósofo Michel de Certeau que aposta na atitude de resistência do homem ordinário ¹, em suas práticas microbianas, de características singulares ou plurais, complexas e indefinidas. Essas práticas serviriam como uma maneira de se apropriar dos lugares, operando na contramão do controle, funcionando como astúcias. Burlam, portanto os mecanismos de controle e as tentativas de compartimentalização do espaço da cidade. Tais mecanismos, como verdadeiras estratégias de guerra, agem como fatores paralisantes; porém, para Certeau, sucumbem ao sistema urbanístico que opera fora das amarras públicas ou privadas e sobrevive nas brechas, fugindo e escapando da administração panóptica. (CERTEAU, 1994)

Considerando que as grandes cidades e centros urbanos se tornam depositárias de múltiplas atividades humanas; misturando e intercalando papéis,

¹ Termo cunhado por De Certeau para o homem comum, anônimo, herói comum. (CERTEAU, 1994, P, 57-58)

entre atores e espectadores, como num palco (CARDOSO, 2008:p.54), o desafio que proponho nessa investigação vislumbra o espaço da cidade como um espaço poroso e permeável para diferentes cartografias que dialoguem com a possibilidade de potencializar a construção de outros sentidos; explorando tais características de teatralidade através de práticas e propostas teórico-metodológicas que concernem aos experimentos de Jogo Dramático e Teatral.

Seguindo as considerações de Thiollent (2000), essa pesquisa-ação, se configura por meio de uma estrutura metodológica que contempla a elaboração, o desenvolvimento e a avaliação das ações planejadas, articulada em uma abordagem dialógica e principalmente focada nos experimentos e processos criativos pedagógicos /educativos em teatro.

O espaço é considerado um dos mais potentes indutores de jogo. Explorar e investigar espaços não convencionais e inusitados está em consonância com o pensamento de Jean Pierre Ryngaert. Para esse pesquisador o espaço "é o lugar de todas as invenções e incita à criação. Ele inquieta e seduz por essas mesmas razões, pois exige que os participantes se arrisquem com tentativas que rompam com seu *savoir-faire* habitual." (RYNGAERT, 2009:p.72)

Ampliando tais proposições, utilizando outros possíveis indutores como textos e imagens, pretendo investigar formas de construção e desconstrução de dramaturgias que permitam produção de múltiplos sentidos e ressignificações polifônicas.

A Pedagogia do Teatro, ampliada em sua dimensão epistemológica, incentiva outros olhares. Ocupar e se apropriar do espaço da cidade é estar aberto a possibilidades tanto antropológicas, sociológicas e filosóficas, como culturais, artísticas e pedagógicas, buscando diferentes formas expressivas; o que confere à linguagem teatral, no viés do ensino, um outro estatuto que rompe a limitação do trabalho em sala de aula ou em espaços fechados, permitindo a oportunidade de vivenciar e experimentar aspectos da diversidade multifacetada da cidade.

Referendada nos teóricos e pensadores da área, utilizando o Jogo como foco de experimento, teço reflexões sobre o papel do formador e pedagogo de Teatro como interlocutor e mediador de conhecimento, aberto às interferências, influências e tendências que fazem parte da vida na cidade contemporânea; porém estabelecendo um olhar crítico que se torna "uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias" (AGAMBEN, 2009:59)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRITT, Fabiana Dutra e BERENSTEIN, Paola Jacques. *A Rua é nossa ... é de todos nós. Seminário: 4 dias para falar da Rua*. Local: Centro Cultural da Justiça Federal. Data: 12, 13, 19 e 20 de maio de 2009.
- CARDOSO, Ricardo José Brügger. *A Cidade como Palco: o centro do Rio de Janeiro como lócus da experiência teatral contemporânea 1980/1992*. RJ: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - Secretaria Municipal das Culturas - Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural - Gerência de Informação, 2008.
- CARREIRA, André. *Ambiente, fluxo e dramaturgias da cidade: materiais do teatro de invasão*. Dossiê: A Cidade como Suporte da Cena. Percevejo Online. Periódico do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – PPGAC – UNIRIO- Vol. 1- nº1- 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. RJ: Graal, 2001 (16. Edição.)
- RYNGAERT, Jean Pierre. *Jogar, Representar*. SP: COSACNAIFY, 2009.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público – As tiranias da intimidade*. SP: Companhia das Letras, 2001.
- THIOLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2000.
(9. Edição)